



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **O NOVO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA SALA DE AULA**

Laís Nicácio de Lima

Alana Lima de Oliveira

*Universidade Estadual da Paraíba (layss\_nicacio@hotmail.com)*

*Universidade Estadual da Paraíba (alana.mdh@gmail.com)*

**Resumo:** Ao analisarmos a educação brasileira de uma forma ampla, observamos alguns aspectos bem trabalhados pelos docentes e outros que podem ser melhorados, de acordo com o desenvolvimento e interação do professor com o aluno em sala de aula. As disciplinas que são determinadas como fundamentais durante o desenvolvimento pedagógico do aluno são integradas por métodos de ensino já desenvolvidos e, muitas vezes, já estabelecidos pela instituição de ensino. Dentre essas disciplinas, está a Língua Portuguesa que vem sendo ministrada mediante um novo método de ensino, embasado na teoria dos gêneros textuais. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho visa relacionar teoria e prática docente, a partir da apresentação e discussão das experiências obtidas no estágio supervisionado, realizado em uma escola pública da rede estadual de ensino, situada no município de Campina Grande/PB, como requisito avaliativo do Componente Curricular Estágio Supervisionado I, do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Uma das conclusões que foi possível chegar é que por meio do estágio, o aluno passa a ter contato com o cotidiano da sala de aula, interferindo nas aulas através de apontamentos sobre o assunto apresentado, e auxiliando os alunos nas atividades sugeridas pelo professor, ocasião em que o estagiário começa a levantar hipóteses, questionamentos e indagações acerca da prática docente. É o momento por assim dizer de construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre o que é ser professor, e suas repercussões para a formação do sujeito aluno.

**Palavras-chave:** ensino de língua, gêneros textuais, prática de sala de aula.

### **Introdução**

É de conhecimento geral que ao longo da vida profissional do indivíduo, torna-se necessária a realização de algumas atividades indispensáveis para sua formação. Dentre essas atividades relacionadas ao desenvolvimento profissional, em especial, a preparação para a



carreira do magistério, o estágio de monitoria se destaca como uma atividade fundamental, capaz de estabelecer um vínculo entre teoria e prática.

Podemos dizer que uma boa formação profissional é embasada na teoria seguida por práticas, nas quais são aplicados os conhecimentos teóricos. A partir do estágio, o indivíduo passa a ter contato direto com o ambiente para o qual está se preparando, o que é de suma importância para sua experiência acadêmica.

O presente artigo surge exatamente dessa necessidade de relacionar teoria e prática, tendo como objetivo principal, relatar a vivência que tivemos como estagiárias em uma escola da rede pública de ensino, bem como, os procedimentos metodológicos empregados nas aulas pelo professor.

Todo monitoramento ocorreu em turmas do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, e as intervenções ocorreram em uma turma do 2º ano do ensino médio, oportunidade em que compartilhamos vários conhecimentos e passamos por experiências agradáveis. No decorrer do artigo, abordaremos desde a importância do ensino de língua até o relato de vivência e atuações por nós realizadas.

### **Metodologia**

A metodologia empregada ao presente estudo foi de tipo bibliográfica, associada a uma pesquisa empírica que teve como campo o estágio supervisionado realizado em uma escola pública da rede estadual de ensino, situada no Município de Campina Grande/PB, como requisito avaliativo do Componente Curricular Estágio Supervisionado I, do Curso de Letras da Universidade estadual da Paraíba.

### **Resultados e discussão**

Quando falamos no ensino da língua portuguesa, temos como referência os PCN's e OCEM, os quais foram elaborados e fundamentados em uma base democrática, visando estabelecer um ensino de qualidade para todos. O ensino tradicional é considerado um ensino convencional, o qual o aluno é o ouvinte (receptor) do conteúdo transmitido pelo professor, porém, esse tipo de ensino tem sofrido alterações ao longo do tempo em razão dos desenvolvimentos tecnológicos. Essas mudanças não ofuscaram a importância do professor,



podemos dizer que o seu papel passou por uma alteração de única fonte de conhecimento para mediador desses conhecimentos.

A tecnologia vem avançando cada vez mais, e com ela, suas facilidades de transmissão e de acesso aos conteúdos de ensino, os quais facilitam o processo de aprendizagem dos alunos que buscam esses meios.

A formação didática do aluno na educação básica passa por vários processos que abrangem desde os anos iniciais até o ensino médio. Durante a transição dessas etapas, é de importância vital o cumprimento de todos os conteúdos propostos e programados que darão suporte para uma futura formação acadêmica.

Ao analisarmos as práticas de ensino utilizadas por docentes em sala de aula, notamos variações nos processos de ensino que mudam de professor para professor. As teorias metodológicas são apresentadas como “predeterminadas”, pois, estão inseridas nos manuais de ensino que são adotados pelas escolas e passadas como um “livro de regras” a ser seguido pelo professor. Outro recurso adotado por um grande número de escolas públicas e privadas é o livro didático, o qual serve como um guia de conteúdos a serem trabalhados em determinada série.

Durante o desenvolvimento pedagógico do ensino de língua, além desses recursos, podemos tomar como base várias outras fontes que se tornam indispensáveis para uma boa formação educacional de um jovem, como também a sua iniciação como leitor, o qual é de grande valia para o seu desenvolvimento. Quando falamos de leitura, automaticamente, envolvemos um conjunto de atividades as quais são responsáveis por desenvolver um caráter de leitor na formação do indivíduo. Ao ingressar no ensino médio, o jovem vem com uma carga de conhecimentos já lançados durante o ensino fundamental, os quais são tomados como base para a conclusão da formação no ensino básico.

Quando falamos no ensino da língua portuguesa no cotidiano escolar, temos em vista uma extensão de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula que estão interligados formando uma base fundamental durante toda a construção do aluno. Entre eles, estão: as atividades de leitura, produção de textos e estudos de gêneros textuais, os quais formam uma



sequência didática que vai desde a parte da prática de leitura até a produção de textos, tudo isso a partir do conhecimento das estruturas dos gêneros textuais.

Ao relacionarmos os processos de ensino a um desenvolvimento voltado para a leitura, temos em vista que essa formação é algo que já vem sendo desenvolvido desde os anos iniciais, os quais se perduram por uma longa história escolar na vida do aluno.

Seguindo essa linha de desenvolvimento, podemos dizer que essa prática deve estar presente tanto dentro como fora da escola, ou seja, deve ser levada para o cotidiano do indivíduo de uma forma prazerosa, a qual permanecerá e influenciará em sua trajetória tanto intelectual como social.

A leitura faz parte do cotidiano – lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, que começa fora da escola e continua dentro dela. É necessário ler. Ler é transformar a escrita em fala. Ler é decodificar mensagens. Ler é interagir. Ler é compreender e interpretar. Ler, sobretudo, para aprender a arte de escrever. (ROCHA apud LUCKY, 2007, p. 18)

O professor é posto como um mediador entre essa interação que vai de dentro para fora da escola. Essa posição de responsabilidade vem como um desafio que deve ser enfrentado, vencido e vivenciado por ambas as partes que formam um vínculo no processo de ensino, ou seja, o professor e o aluno. Um grande número de alunos chegam ao ensino médio com uma enorme dificuldade na prática de leitura, o que dificulta o trabalho a ser realizado pelo professor que, muitas vezes, já está com um plano didático traçado, mas precisa ser alterado para se adequar aos padrões de conhecimentos e práticas dos alunos que estão ingressando nas últimas séries do ensino básico.

A atuação do docente e os planos didáticos adotados por ele fazem toda a diferença quando levados e aceitos pelos alunos. Podemos dizer que esse processo de aceitação não é algo que acontecerá em massa, sua variação ocorre de acordo com as características de cada aluno. A partir daí, inicia-se a variação dos planos, projetos e atividades lançadas pelo docente com a finalidade de adquirir compreensão de todos, ou de uma grande maioria.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quando falamos em formação de leitores, temos em vista critérios auxiliares nesse desenvolvimento que partem da prática de leitura, que por meio desta temos um vasto mundo de conhecimentos que abrem portas para outras áreas importantes que permanecem presentes não só durante a formação do indivíduo, mas se manifesta durante toda sua vida.

A prática de leitura inserida no cotidiano escolar compreende atividades como a de produção de textos e reescritas que são indispensáveis durante toda a sua formação, o que trará como consequência uma boa amplitude de conhecimentos e práticas que o auxiliará em várias áreas no âmbito social. Essa prática vincula-se a utilização e diversificação dos gêneros textuais que ao serem trabalhados pelos professores vão de encontro à satisfação do aluno que ocorre através da sua identificação com o gênero e o assunto trabalhado.

Ao falarmos de gêneros textuais, abrimos um leque de opções que abordam as mais diversas áreas e tipos de textos inseridos em nosso cotidiano. Porém, essas estruturas que compreendem os textos, sejam eles orais ou escritos não é algo que vem de muito tempo. Só no início do século XX os gêneros textuais começaram a ser utilizados da forma que se mantém até os dias de hoje.

De acordo com Marcuschi (2008, p.147):

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do séc. XX. Atualmente, a noção de gênero já não se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990:33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, fala ou escrito, com ou sem aspirações literárias.

Com o passar do tempo as funções e os métodos de utilização dos gêneros textuais sofreram mudanças, se adequando ao estilo e a necessidade da nossa época. É de grande valia para uma sociedade a divisão das estruturas dos textos valorizando e empregando modelos estruturais para cada uma.

Durante o ensino médio, a prática de produção textual é utilizada em grande proporção, pois, é nesse período da formação escolar que os alunos estão prestes a entrar em



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um meio acadêmico o qual estará presente constantemente a utilização e elaboração dos mais diversos gêneros. Nessa fase, é de suma importância a didática utilizada pelo professor para abordar esse assunto de uma forma dinâmica, a qual seja capaz de despertar no aluno o desejo de realizar futuras produções textuais como também a identificação de cada gênero, em que estão inseridos um grande número de tipos textuais.

A utilização de matérias que comportam esse tipo de assunto é um método, quase que infalível, que transporta o aluno a vivenciar a realidade. O uso de revistas, por exemplo, é um gênero que aborda um grande número de tipos textuais que quando trabalhados de uma forma positiva trará um esclarecimento ao aluno e o levará a identificação desses gêneros e tipos textuais onde ele estiver.

Podemos utilizar essa prática como base profícua para a abordagem de outros conteúdos, como o ensino da gramática contextualizada e análises linguísticas, as quais são vitais para a construção intelectual do aluno, levando em conta que ambas partem das situações vivenciadas pelo aluno no cotidiano. Segundo Oliveira (2010), o professor de português sabe que a língua falada e a língua escrita são diferentes, partindo desse princípio cabe ao docente didatizar e levar dinamicidade para sua aula, visando à obtenção de um resultado eficaz por meio de todos os educandos.

Com efeito, de nada adiantaria conhecer toda a base teórica que fundamenta a atividade docente sem conhecer, na prática, como se desenvolvem as ações do professor no espaço da sala de aula, suas estratégias, métodos de ensino, formas de abordagem do conteúdo, entre outras ações.

Durante a nossa vivência no estágio supervisionado, pudemos observar que o professor atendeu às recomendações teóricas do que se entende hoje por novo ensino de Língua Portuguesa. Passaremos, então, a expor e discutir como se deram alguns dos encontros no período de estágio, a fim de melhor apresentar o nosso relato de experiência.

No primeiro encontro datado de 04/05/2015, o professor aplicou prova referente aos assuntos de *substantivo* e *funções da linguagem* na turma do 2º ano “A”. Antes, porém, iniciou a aula informando como seria a prova, qual o assunto abordado, o tipo de questões, chegando, inclusive, a fazer uma breve revisão sobre o assunto. Após entregar a prova, cuja



via se encontra no anexo B, leu atentamente cada questão, explicando o sentido de cada uma delas, e dando pistas, muitas vezes, das possíveis repostas.

A estratégia utilizada pelo professor parte de dois pressupostos. O primeiro funda-se no fato de que a escola tinha passado por um período sem funcionamento, em razão do movimento grevista deflagrado pelos professores da rede pública de ensino estadual, no final de março, o que fez com que o professor não conseguisse concluir a primeira unidade, em tempo hábil. De modo que, no retorno das aulas, o professor precisou fazer avaliações em algumas turmas para o cômputo da nota final do bimestre.

Por isso, decidiu revisar o assunto objeto da avaliação, já que era a primeira aula do pós greve. Assim, a fim de cooperar para a fixação do conhecimento por parte do aluno, o professor revisou os tópicos mais importantes da matéria, chamando atenção para aquilo que estava sendo cobrado na prova, o que demonstra a preocupação do professor com seu aluno, principalmente, em uma situação como aquela, ou seja, de 30 (trinta) dias sem aulas!

O segundo pressuposto está ligado à intenção do professor em avaliar o aluno da melhor forma, fazendo daquela atividade mais uma dentre tantas do processo de ensino e aprendizagem. A simples atitude do professor em ler a prova detalhadamente contribuiu para diminuir a tensão e nervosismo do aluno, melhor compreensão dos quesitos, e, conseqüentemente, melhor chance de êxito nos resultados.

Diferentemente da atitude de um professor que apenas lança o conteúdo, sem se preocupar com o nível de aprendizagem do seu aluno, a estratégia utilizada pelo professor em revisar o assunto e explicar a prova mediante uma leitura socializada, corrobora a ideia de que o conhecimento deve ser algo partilhado, sendo a prova ou avaliação um momento de verificação da aprendizagem, e não um momento de pavor e medo.

Essa mesma estratégia foi seguida em outras turmas, a saber: na turma do 1º ano “B”, na aula ministrada no dia 04/05/2015, oportunidade em que o professor revisou os assuntos de *variação linguística*, *funções da linguagem* e *elementos da comunicação* para aplicação da prova na aula seguinte; e na turma do 3º ano “A”, na aula do dia 18/05/2015, em que o professor revisou os assuntos de *sujeito* e *predicado* para aplicação da prova de recuperação do bimestre designada para o dia 25/05/2015.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Embora a estratégia do professor quanto à revisão dos conteúdos tenha surgido em razão da necessidade de colocar o aluno em contato com assuntos trabalhados antes da greve, e que, portanto, mereciam ser retomados, já que o aluno estava fora da sua rotina escolar, a estratégia de revisão dos assuntos na turma do 3º ano acima epigrafada se deu por outro motivo.

Para surpresa do professor, nas avaliações realizadas no primeiro bimestre, ninguém tinha obtido nota acima da média. Daí, ele decidiu provocar a turma, para saber se os alunos sabiam identificar os tipos de *sujeito* e *predicado*, a partir de exemplos no quadro.

A maioria dos alunos conseguiu apontar corretamente as classificações de *sujeito* e *predicado*. Pergunta-se: o que justifica a insuficiência de resultados na prova? A prova estava impossível de ser respondida? A culpa é do professor que não soube trabalhar o conteúdo? Parece-nos que não! Os apontamentos corretos feitos pelos alunos quando indagados sobre os tipos de *sujeito* e *predicado* dão conta que a turma domina o assunto, logo, o “problema” não estava com o professor, mas, com os próprios alunos que responderam à prova com displicência, muitas vezes, com pressa de acabar o quesito, sem dar a devida atenção àquela atividade.

Nesse momento da aula, sugerimos ao professor que corrigisse a prova novamente, desta vez, com a participação, interação e mediação dos alunos, na finalidade de testar os conhecimentos da turma, e para surpresa de todos nós, a grande maioria conseguiu responder à prova, satisfatoriamente, o que sugere outra indagação: qual o motivo da insuficiência de resultados na prova?

Além dos motivos já apresentados em linhas anteriores, nos parece que o motivo da insuficiência de resultados está ligado também à falta de participação dos alunos nas aulas, às conversas paralelas no momento da exposição do conteúdo, e, sobretudo, à falta de estudo continuado por parte dos alunos.

Isso porque o conhecimento não depende apenas da atitude do professor. Ainda que o professor se esforce ao máximo, se o aluno não tiver atitude, isto é, se não colaborar para o processo de ensino e aprendizagem, não se “entregar”, dificilmente será a aquisição do conhecimento.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ora, o conhecimento resulta de um esforço intelectual tanto por parte do professor como por parte do aluno, o que significa dizer que a atividade docente não se reduz à mera transmissão de conteúdos. É necessário que o aluno interaja com o professor rumo à construção do conhecimento. Longe de ser uma ação mecânica e estática, a atividade docente envolve uma prática dinâmica, que se importa com os sujeitos participantes, seus interesses, suas necessidades e “problemas”.

Observamos também que nas aulas referentes ao eixo: *língua, fala e cultura*, ocorridas em 18/05/2015, ministradas na sala de vídeo com o uso de Datashow, os alunos se envolveram mais com os pontos ali discutidos, embora, tenham ficado um pouco dispersos no começo da aula. Provocados pelo professor sobre os conceitos de *norma culta e variação linguística, linguagem verbal e não verbal, figuras de linguagem, denotação e conotação, semântica, estilística, etimologia, signifiante e significado* e demais assuntos correlatos, os alunos contribuíram para o enriquecimento da aula. Assim, pudemos avaliar que a decisão do professor em realizar a aula fora do espaço tradicionalmente alocado para isso, e a utilização de diferentes recursos didáticos foram bem acolhidos pela turma.

Igualmente, pudemos perceber que esse método inovador de ensino fez com que o grupo participasse mais das aulas, o que nos leva a concluir que o professor ao elaborar aulas diferentes e motivadas, ampliou as possibilidades de aprendizagem do aluno e alargou as fronteiras do próprio livro, não se limitando aos conteúdos e tarefas sugeridas unicamente pelo livro didático.

Durante o período do estágio, vivenciamos várias experiências, e com o intuito de atuarmos na posição de docentes, conversamos com o professor sobre a possibilidade de ministrarmos algumas aulas. Assim, em comum acordo, ficamos responsáveis por 04 (quatro) aulas de língua, sendo 02 (duas) para exposição do conteúdo e as outras 02 (duas), para discussão e correção do exercício referente ao assunto; e mais uma participação na condição de monitoras em uma atividade recomendada pelo professor acerca do gênero textual *notícia jornalística*.

As duas primeiras aulas ocorreram em 18/05/2015, na turma do 2º ano “A”. O tema proposto pelo professor para a nossa intervenção foi *adjetivo*. A recomendação foi trabalhar o



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conceito, a parte de *locução adjetiva* e flexão de número, gênero e grau. Decidimos, então, começar aula com a pergunta: O que vocês entendem por adjetivo? E logo uma aluna respondeu! Assim, perguntamos quem mais poderia contribuir com a resposta, no entanto, ninguém mais se posicionou, foi quando decidimos pedir exemplos por meio das seguintes indagações: Como vocês caracterizam a sala? Como você pode descrever o colega? Como o dia amanheceu hoje? Desta vez, a maioria dos alunos responderam às questões, e aproveitamos para copiar no quadro, tanto a resposta acerca do conceito como os exemplos dados.

A intenção dessas perguntas era provocar a turma sobre o tema da aula, para, em seguida, construir o conceito com eles, e não simplesmente chegar na sala de aula com o conceito pronto, e, de fato, funcionou. Após a nossa definição sobre *adjetivo*, pedimos para um aluno ler o conceito apresentado pelo livro didático, e complementamos com a Gramática de Evanildo Bechara (2004), que foi utilizada também para a elaboração da aula. Nesse mesmo propósito, trabalhamos o conceito de *locução adjetiva*, e mesmo sem ter uma resposta imediata sobre o referido assunto, a turma foi capaz de apresentar o conceito a partir de exemplos, o que correspondeu às nossas expectativas!

No que tange à parte de flexão, seguimos a proposta da Gramática de Evanildo Bechara, já que se trata de regras gramaticais, porém, utilizamos o quadro para tornar a aula mais dinâmica, dialogando o tempo todo com o grupo, que também participou ativamente da exposição do conteúdo. Por fim, sugerimos um exercício de fixação que se encontra no anexo B, que era para ser respondido em casa e discutido na aula seguinte.

Para nossa felicidade, no dia programado para a entrega da atividade, a grande maioria tinha respondido à atividade, o que tornou a aula mais envolvente, e mesmo aqueles que não tinham feito, demos a oportunidade de responderem naquela hora, como forma de participação das discussões. A estratégia era fazer com que o aluno respondesse, ainda que coletivamente. Mais valia isso do que o aluno copiar a resposta do colega, o que acabou dando certo, e todos entregaram a atividade, com exceção de dois ou três alunos que não se interessaram.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Desse modo, vê-se que as aulas organizadas de forma expositiva dialogada contribuem para o processo de ensino aprendizagem, pois, o professor se posiciona de forma crítica e reflexiva em relação aos alunos. No nosso caso, procuramos seguir a metodologia recepcional, provocando a atenção dos alunos por meio de perguntas exploratórias que faziam com que eles participassem, emitindo suas opiniões, dúvidas e questionamentos, e, assim, colaborando para a construção do conhecimento.

A aula que funcionamos como monitoras nos marcou profundamente, pois, era o nosso último dia de aula como estagiárias na escola. Nossa participação aconteceu na turma do 1º ano “A”, na parte da aula reservada à produção textual. Após trabalhar o conceito do gênero textual *notícia* apresentado no livro didático, e explicar as características da escrita jornalística, dando exemplos de “lugares” (suportes) onde a notícia é veiculada, o professor entregou exemplares da revista “Carta na Escola”, e pediu para que a turma se organizasse em dupla para fazer uma atividade. A tarefa consistia na identificação dos elementos da escrita jornalística, a partir de notícias veiculadas nos fascículos distribuídos, e assim, ajudamos os alunos na execução da tarefa.

A nossa intervenção apesar de ter sido pequena foi muito significativa, pois vimos como os alunos se engajaram para atender à atividade proposta, bem como, reafirmou a nossa posição de que o livro didático não pode ser o ponto crucial das aulas, ele deve servir como um instrumento, uma ferramenta, um apoio, e foi o que observamos também nessa aula. O professor utilizou o livro na proposta que julgava interessante, mas, não se desincumbiu do propósito de ampliar o conhecimento do aluno, trazendo para sala de aula tarefas que aproximaram o aluno da teoria, revelando-se em uma grande lição, um grande aprendizado!

### **Conclusão**

A primeira conclusão que se chega após um trabalho como esse é de que o estágio é fundamental para a formação docente. Sem a vivência escolar, não é possível falar de práticas que se apliquem ao ensino de língua, sejam elas eficientes ou não.

A partir da vivência é que passamos a ter uma ideia concreta do que é *ser professor*, quais as dificuldades que podemos encontrar, e também, quais os prazeres que podemos ter



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

durante a atividade docente. No nosso caso, podemos afirmar que o período do estágio foi de experiências prazerosas, sendo poucas ou quase inexistentes as experiências desagradáveis.

O estágio possibilitou confrontar os aspectos metodológicos empregados pelos professores de português, passando desde a fundamentação teórica dos assuntos abordados pelo ensino de língua portuguesa até o modo como é trabalhado em sala de aula. Assim sendo, tivemos uma visão ampla de como os assuntos estão empregados nos livros didáticos e o modo de abordagem do professor.

No que se refere ao uso do livro didático pelo professor da escola onde estagiamos, percebemos que ele não era o elemento vetor das aulas, ao revés, era um instrumento do professor. Logo, o livro era a ferramenta, o professor o sujeito que liderava a aula e dirigia as atividades.

Por meio de aulas dinâmicas e diferentes, o professor ampliou os conhecimentos e alargou as fronteiras do próprio livro, não se limitando aos conteúdos e tarefas sugeridas unicamente pelo livro didático, o que representa o uso crítico, reflexivo e consciente do livro didático.

Por fim, o que podemos apontar como derradeiras considerações é que o estágio foi um momento de grande aprendizado, em que conseguimos atingir os objetivos pretendidos, ao mesmo passo que constituiu uma preparação para a atividade prática futura, na medida em que adquirimos experiências fundamentais e indispensáveis para o nosso desempenho como profissional, e uma boa base para a iniciação docente.

### Referências

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1. Edição - 4º reimpressão - Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRASIL, Secretária de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. – Brasília: MEC, 2006. 239p.
- BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p.
- FRANCIS, Juliana. **Formação do jovem leitor: o hábito e domínio da leitura no ensino fundamental** – Batatais/SP: Artigo científico, 2014. 20p.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Ser protagonista: Língua Portuguesa.** 1º ano Ensino Médio. 2º Ed. São Paulo SM, 2013.